



## FENOMENOLOGIA E PSICOLOGIA: UMA RELAÇÃO EPISTEMOLÓGICA

*Fernando Antônio Nascimento da Silva*<sup>1</sup>  
Faculdade Pio Décimo/Sergipe

**RESUMO:** O presente texto trata-se de uma reflexão das relações entre Psicologia e Fenomenologia, no que diz respeito aos seus fundamentos. Apresenta a Fenomenologia, como ciência dos fenômenos, como uma alternativa ao modelo clássico de ciência, no âmbito das ciências humanas e sociais, passando por uma rápida referência aos fundamentos epistemológicos da Psicologia. Por fim, discute as relações entre ambas, no que diz respeito à apropriação do método fenomenológico pela Psicologia.

### INTRODUÇÃO

O presente texto não se propõe a um discurso sobre o método fenomenológico e, portanto, não tem como preocupação a elucidação dos seus conceitos nem das suas regras metodológicas. Volta-se para uma pequena reflexão sobre a relação entre psicologia e fenomenologia, no sentido de clarificar, de modo sucinto, como esta pode contribuir com a psicologia, enquanto alternativa de um modelo científico distinto da perspectiva da ciência Moderna.

A fenomenologia, segundo Husserl, pode ser definida como a ciência dos fenômenos, entendendo estes, como o que se mostra à consciência por si mesmo. Trata-se, pois, de uma ciência que se centra na relação indissociável entre sujeito (uma consciência

que se volta a) e o objeto visado pela consciência (o que se revela a esta). Distingue-se, assim, do modelo clássico de ciência, que pressupõe a separação radical entre sujeito e objeto.

A fenomenologia pura, cujo caminho aqui queremos encontrar, cuja posição única em relação a todas demais ciências queremos caracterizar e cuja condição de ciência fundamental da filosofia queremos comprovar, é uma ciência essencialmente nova, distante do pensar natural em virtude de sua peculiaridade de princípio e que, por isso, só em nossos dias passou a exigir desenvolvimento. Ela se denomina uma ciência do 'fenômeno'" (HUSSERL, 2006, pg. 25).

### O QUE É A FENOMENOLOGIA?

O exercício da fenomenologia implica numa experiência singular, pouco usual: a suspensão de todo e qualquer juízo a respeito do fenômeno para o qual a nossa consciência se volta. Deixar de lado todo conhecimento ou crença a respeito do fenômeno pesquisado, como se dele nada soubesse, como se nunca tivéssemos passado pela experiência de amar, de nos envergonharmos, de ter sofrido alguma violência ou ter sido violento, por exemplo. Como se fosse a primeira vez que entramos em contato com o fenômeno sobre o qual nos debruçamos.

Deixar que o fenômeno se mostre tal qual é, sem nenhuma interferência de valor, científica, religiosa ou do conhecimento cotidiano, de modo que possamos apreendê-lo na sua essência, no seu modo próprio de ser, que o distingue das outras coisas, tornando-o evidente para a nossa consciência; dá-se o nome de redução fenomenológica ou epoché a este movimento de suspensão dos juízos a respeito das coisas.

Com a redução fenomenológica temos a emergência do fenômeno, que se apresenta de modo distinto das outras coisas, constituindo-se numa relação direta entre fenômeno e consciência. Ou seja, à medida

<sup>1</sup> Psicólogo; Professor da Faculdade Pio Décimo; Mestrando em Ensino de Ciências e Matemática (NPGECIMA/UFS)



que o nosso saber a respeito das coisas visadas (noema) encontra-se entre parênteses, temos que a consciência obtém um acesso direto ao objeto visado. Temos, assim, a apreensão do fenômeno tal qual nos aparece originariamente à nossa consciência, ao qual doamos um sentido.

Por esta característica (exigência), a fenomenologia distingue-se da ciência. Esta se apresenta como um conhecimento, portadora de um saber, um discurso a respeito do objeto visado, exterior ao sujeito que conhece. A metodologia científica clássica funda-se na distinção clara e inequívoca entre sujeito e objeto, que é explicado, e sobre o qual se procura formular teorias e leis, levando-a à apropriação do mesmo.

A formulação de hipóteses apresenta-se como um exemplo típico do modo como a ciência, no paradigma vigente, busca conhecer as coisas. Antes do contato com o fenômeno, já enunciamos algo sobre o mesmo. Sobre ele já é dito alguma coisa pressupondo, assim, a existência de algum conhecimento por parte do pesquisador a respeito do que pretende conhecer, um quê mínimo. Na verdade, um conhecimento que pode dizer mais a respeito do pesquisador do que daquilo que é pesquisado.

Tal divergência, no entanto, não invalida a aproximação entre fenomenologia e ciência. O projeto “husserliano” sustentava-se na fenomenologia como fundamento das ciências. Fenomenologia e ciência se interceptam na medida em que partem do que é evidente e buscam o rigor na apreensão dos fenômenos. O rigor na perspectiva da ciência é a condição “sine qua non” no método científico, para a validação do conhecimento. Por outro lado, a descrição rigorosa dos modos como os fenômenos se apresentam à consciência, sem a emissão de quaisquer juízos sobre os mesmos, constitui a exigência maior da fenomenologia. A evidência, por outro lado, “autoriza” a emergência do status de objeto científico a um dado fenômeno. A falta de evidência implica a possibilidade da sua inexistência, de questionamentos, de uma

explicação racional. Do mesmo modo, a fenomenologia tem a evidência como uma exigência de configuração, pois só assim pode se sustentar como possibilidade de conhecimento válido das coisas.

O modelo clássico de ciência, herdado dos modernos, fundado na quantificação e na experimentação vislumbrando o domínio e o controle das coisas, possui seu espaço de validade. Não podemos negar a contribuição deste modelo para o conhecimento humano, no desenvolvimento da tecnologia e para o avanço da própria ciência. Configurava-se como uma visão própria do seu tempo, no qual o homem buscava o rompimento de barreiras culturais e religiosas que o impediam de usufruir de toda a sua capacidade criativa e de investigação a respeito de si mesmo e do seu mundo. Romper com preconceitos, crenças e dogmas exigiu do homem moderno um novo modo de ser, de ver a si mesmo como construtor da realidade, como sujeito.

A ciência desconsidera a relação que se estabelece entre o homem e o mundo ao seu redor, partindo do pressuposto da possibilidade da objetividade, hoje já não tão acreditada como outrora. Para a fenomenologia conhecer é apropriar-se das essências das coisas, o que só é possível a partir da atribuição de sentido por uma consciência, ou seja, o fenômeno é indissociável da subjetividade. Daí a possibilidade de se propor a uma psicologia fenomenológica.

## A PSICOLOGIA ENQUANTO CIÊNCIA

As ciências humanas se deram conta de que o modelo clássico de ciência não abarca o homem como sujeito, mas nem por isso deixaram de ocorrer tentativas de aproximação. Augusto Comte talvez seja o maior exemplo da tentativa de formatar as ciências humanas aos moldes da ciência Moderna, que o diga, também a Psicologia,



no seu “nascimento” enquanto ciência com o laboratório de Wundt.

A psicologia é uma ciência muito jovem, pensando do ponto de vista do seu reconhecimento acadêmico, na perspectiva da ciência positiva. Mas, trata-se de um conhecimento milenar, que se encontra presente, por exemplo, em Aristóteles. No sentido epistemológico, no que diz respeito ao seu objeto e método(s), tem-se uma diversidade conceitual e teórica, constituindo um espectro e abrangendo modelos que assumem o paradigma científico experimental a modelos cujo rigor metodológico não apresenta tanta rigidez.

Neste sentido, no que diz respeito às teorias psicológicas e seus respectivos métodos, apresentam-se tão complexas quanto à questão do seu objeto. Diferentes matizes permeiam o universo da psicologia, numa gama variada de referências, coexistindo perspectivas diametralmente opostas com princípios inconciliáveis. Trata-se, pois, de uma questão epistemológica ainda aberta e muito complexa, considerando que contemporaneamente temos uma emergência de novas teorias, abordagens e áreas de atuação.

Com Wundt, a Psicologia busca o reconhecimento como um saber científico, a partir de estudos experimentais. No entanto, a complexidade da condição humana não é possível de ser aprendida meramente entre os instrumentos dos laboratórios: O ser humano transcende aos seus limites físicos e observáveis, a existência humana implica uma relação de alteridade, temporalidade, fantasias, sentimentos, buscas e tantas outras questões às quais nos foge a possibilidade de medir, observar diretamente e estabelecer leis.

Se de um lado as ciências humanas e sociais não se conformam ao paradigma positivista, por outro a Psicologia, por ser uma ciência humana do humano, apresenta-se, de modo peculiar, mais desconfortável, por se tratar de um conhecimento cujo objeto de estudo se mostra bastante complexo. Tanto por ser uma

complexidade inerente ao próprio objeto, como pelo fato de que se trata do humano voltando-se para o humano.

Assim, o desafio da Psicologia, como também das ciências ditas humanas, constitui na busca de referenciais que superem os limites das fronteiras da ciência clássica, mas também não perca o seu estatuto de cientificidade, de rigor, a partir da evidência dos fatos. Nesta busca corre-se o sério risco de perder seus referenciais científicos e produzir um conhecimento fundado na mera intuição sem o necessário rigor metodológico.

A pluralidade conceitual e metodológica da Psicologia demonstra, inequivocamente, o quanto é difícil o caminho por ela percorrido, no sentido da busca por uma “unidade epistemológica”; talvez não desejável nem possível, haja vista a variadas possibilidades de ser do ser humano.

## **O FAZER PSICOLÓGICO FUNDADO NUM FAZER FENOMENOLÓGICO**

Diante da crise das ciências com a qual se depara, Husserl se propõe a constituir uma ciência que seja o fundamento da filosofia. Não que ele se oponha ao modelo Moderno de ciência, mas por entender que esta tinha se contaminado por um objetivismo extremado, a ponto de impossibilitá-la de chegar ao fenômeno tal qual se apresenta, ao desconsiderar que a relação entre sujeito e objeto é determinante na constituição do objeto científico.

“O que Husserl acusa com suas questões é que, com a prosperidade das ciências positivas, houve um desvio das questões decisivas para a humanidade, em outras palavras, um completo esquecimento da subjetividade” (GOTO, 2008, pg. 106)

Para Husserl, a psicologia trilha pelo mesmo caminho. No dizer de Goto (2008), “da mesma maneira que pergunta sobre uma possível crise nas ciências e na cultura, Husserl indaga se a Psicologia (...)



também não sofre uma crise em sua cientificidade.” No sentido de fundar-se cientificamente, a psicologia busca a compreensão dos fenômenos psicológicos a partir dos pressupostos da ciência positiva.

A relação entre Psicologia e Fenomenologia é bastante próxima. Nasce com o próprio Husserl, ao fazer a crítica da Psicologia enquanto ciência positiva, vislumbrando uma psicologia fenomenológica. Entende a necessidade da Psicologia se voltar para a subjetividade como objeto próprio dela, diferenciando-se da ciência clássica, que via na questão da subjetividade um empecilho para o conhecimento.

“Toda a análise que ele propõe através do processo da redução à essência, ou redução transcendental, via entender como o ser humano é feito. O filósofo Husserl busca assim oferecer instrumentos de base para poder construir uma psicologia positiva e, (...) institui a análise fenomenológica da subjetividade transcendental como base para a psicologia” (BELLO, 2004, pg. 129)

Em Husserl a fenomenologia, mais do que uma orientação metódica, vai se constituir num fundamento para a Psicologia ao colocar a subjetividade no âmago da própria ciência. Ao assim fazer, temos uma ruptura com o paradigma clássico de ciência, que permite a Psicologia avançar na constituição do seu objeto, bem como na proposição do modo de se fazer ciência, na medida, e mesmo lidando de modo muito íntimo com a subjetividade se mantém no rigor.

Se a fenomenologia possibilita uma fundamentação epistemológica e metódica da Psicologia enquanto ciência ao construir rigorosamente o conhecimento psicológico, por outro lado, “também abre possibilidades para ampliar o entendimento da psicologia como profissão, seja no âmbito clínico ou social” (GOTO, 2008, pg. 237).

## CONCLUSÃO

Na medida em que se volta para os fenômenos, a fenomenologia impõe uma crítica à ciência meramente empírica, por entendê-la incapaz de apreensão das coisas nas suas constituições originárias, em virtude do seu compromisso com a objetividade. Esta se apresenta comprometida, ao olhar husserliano, uma vez que toda relação entre sujeito e objeto se dá mediada pela consciência que lhe atribui um significado.

Considerando o contexto no qual a ciência psicológica encontra-se emersa, de uma multiplicidade de abordagens e teorias que procuram desvendar os fenômenos psicológicos a partir dos mais distintos, e, não raro, contraditórios referenciais, a fenomenologia se apresenta como uma herdeira legítima e direta da filosofia, comprometida com o saber científico a partir da evidência e do rigor, na fundamentação e recurso metodológico para a Psicologia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELLO, Angela Ales. *Fenomenologia e ciência humanas*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- GOTO, Tommy Akira. *Introdução à psicologia fenomenológica. A nova psicologia de Edmund Husserl*. São Paulo: Paulus, 2008.
- HUSSERL, Edmund. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2006.